

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E A FALA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA (1960)

SOCIO-HISTORIC ASPECTS AND THE SPEECH OF CAROLINA MARIA DE JESUS IN THE WASTE ROOM: DIARY OF A FAVELADA (1960)

ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS Y EL DISCURSO DE CAROLINA MARÍA DE JESÚS EN EL CUARTO DE BASURA: DIARIO DE UNA FAVELADA (1960)

Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Doutora em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão - FAPEMA). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo - Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos e professora colaboradora do mestrado interdisciplinar em Cultura e Sociedade (PGCult - UFMA), atuando na área de Língua Portuguesa com ênfase em estudos discursivos e literaturas de língua portuguesa. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura e outras artes: identidade, alteridade e decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa Historiografia, cânone e ensino (UnB) e Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018-2019) e da I Jornada Interdisciplinar de Linguagens (2023).

E-mail: claudiamoraes27@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9652-3233>

Assíria Almeida Costa

Email: assiria.almeida@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8115-3214>

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a partir da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) aspectos sócio-históricos presentes na obra, como o contexto histórico e as condições sociais e

políticas que Carolina vivenciou durante a escrita de seu diário; as condições precárias de vida dos marginalizados na favela; as questões de raça e gênero abordadas por ela no fim da década de 50, bem como perceber a fala da autora, mulher negra e pobre, de forma hostilizada, mas também sensível e autêntica, visando compreender como a voz da autora retrata e denuncia as condições de vida nas favelas. A obra será analisada através da perspectiva da crítica literária dialética. De acordo com a metodologia adotada, a pesquisa é de cunho bibliográfico, caracterizada como análise-crítica qualitativa. Dessa forma, tem-se como procedimento recorrer à leitura atenta e minuciosa da obra *Quarto de despejo* sob a perspectiva e diálogo com os autores: Cândido (2006), Leeds e Leeds (2015), Meihy (1998), Meihy e Levine (2015), Carvalho (2016), Tavares (2010), Cardoso (1977), Bahia (2000), González (1984), Sousa e Dias (2013) e Evaristo (2014).

Palavras-chave: Aspectos sócio-históricos; Contexto histórico; Representação; Mulher negra; Crítica literária dialética.

ABSTRACT

This article aims to analyze, based on the work of Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), socio-historical aspects present in the work, such as the historical context and the social and political conditions that Carolina experienced during the writing of her diary; the precarious living conditions of the marginalized in the favela; the issues of race and gender addressed by her at the end of the 50s, as well as perceiving the speech of the author, a black and poor woman, in a hostile, but also sensitive and authentic way, aiming to understand how the author's voice portrays and denounces the living conditions in the favelas. The work will be analyzed through the perspective of dialectical literary criticism. According to the adopted methodology, the research is of a bibliographic nature, characterized as qualitative critical analysis. Thus, the procedure is to resort to an attentive and detailed reading of the work *Quarto de despejo* from the perspective and dialogue with the authors: Candido (2006), Leeds and Leeds (2015), Meihy (1998), Meihy and Levine (2015), Carvalho (2016), Tavares (2010), Cardoso (1977), Bahia (2000), González (1984), Sousa and Dias (2013) and Evaristo (2014).

Keywords: Socio-historical aspects; Historical context; Representation; Black woman; Dialectical literary criticism.

RESUMEN

Este artículo se propone analizar, a partir de la obra de Carolina María de Jesús, *Quarto de despejo: diario de una favelada* (1960), aspectos sociohistóricos presentes en la obra, como el contexto histórico y las condiciones sociales y políticas que vivió Carolina. experimentado durante la escritura de su diario; las precarias condiciones de vida de los marginados de la favela; las cuestiones de raza y género abordadas por ella a finales de los años 1950, así como percibir el discurso de la autora, una mujer negra pobre, de una manera hostil, pero también sensible y auténtica, con el objetivo de comprender cómo la voz de la autora retrata y denuncia las condiciones de vida en las favelas. La obra será analizada desde la perspectiva de la crítica literaria dialéctica. Según la metodología adoptada, la investigación es de carácter bibliográfico, caracterizándose como análisis crítico cualitativo. De este modo, el procedimiento consiste en recurrir a una lectura atenta y exhaustiva de la obra *Quarto de despejo* desde la perspectiva y el diálogo con los autores: Cândido (2006), Leeds y Leeds (2015), Meihy (1998), Meihy y Levine (2015), Carvalho (2016), Tavares (2010), Cardoso (1977), Bahía (2000), González (1984), Sousa e Dias (2013) y Evaristo (2014).

Palabras clave: Aspectos sociohistóricos; Contexto histórico; Representación; Mujer negra; Crítica literaria dialéctica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus, oferece uma narrativa das experiências vividas por uma mulher negra e pobre em uma favela brasileira entre os anos de 1955 e 1960. Nesse contexto, é fundamental explorar os aspectos sócio-históricos presentes na obra, pois são significativos sobre as condições de vida enfrentadas pelas comunidades marginalizadas na época. Esta análise nos permite compreender não apenas as realidades específicas vividas por Carolina, mas também as questões mais amplas relacionadas à desigualdade social no país.

Por meio desta análise, surge a necessidade de questionar e aprofundar o estudo do papel da mulher negra na literatura nacional, examinando sua voz dentro de um contexto histórico-social específico, percebendo como os discursos refletem as características de uma sociedade em determinada época, evidenciando o retrato do preconceito racial no Brasil.

A escolha por examinar esta obra deve-se ao seu caráter pouco conhecido no âmbito social, ainda que nos últimos anos uma vasta coleção de estudos acadêmicos tenha se debruçado sob a investigação da vida e obra de Carolina Maria de Jesus. As obras literárias nos oferecem a oportunidade de explorar culturas, valores e ideologias diversas por meio de análises e pesquisas. Neste caso, podemos perceber que mesmo sendo a autora uma mulher negra proveniente de uma favela, superou e transcende os estereótipos encontrados na literatura brasileira.

E, tratando-se da literatura brasileira, é crucial destacar que muitos escritores que contribuíram para nossa história social tiveram e continuam tendo suas memórias apagadas. No que se refere à literatura brasileira, há uma tendência de negligenciar nomes importantes da cultura que não se encaixam na tradição literária estabelecida, especialmente autores negros que são os mais marginalizados nesse processo.

Esta pesquisa é de muita importância tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade em geral, pois visa analisar de que forma os diversos aspectos sociais da época influenciaram a escrita da obra de Carolina, a qual refletia a sua vida real. A relevância deste estudo reside no fato de nos depararmos com uma narrativa que emerge da perspectiva de Carolina e de sua vida diária. Ao acompanhar a trajetória da autora, somos capazes de contemplar suas experiências, decepções, aspirações e perspectivas a partir de seu próprio ponto de vista.

A pesquisa apresenta como objetivo geral analisar os aspectos sócio-históricos presentes na obra “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, visando compreender como a

voz da autora retrata e denuncia as condições de vida nas favelas brasileiras e suas implicações para a sociedade. No tocante aos objetivos específicos: investigar a obra sob o ponto de vista social e histórico; identificar os aspectos que influenciaram a escrita de Carolina neste contexto histórico; analisar características próprias de sua fala no diário, explorando as estratégias narrativas utilizadas pela autora para expressar e transmitir sua mensagem social e pessoal. Com estes objetivos, busca-se através da perspectiva de Carolina Maria de Jesus observar os aspectos de sua vida pessoal e também de outros indivíduos, a fim de compreender como se configurava a sociedade.

No âmbito deste estudo a obra será analisada através da perspectiva da crítica literária dialética, pois entende-se que a obra é reflexo de contextos sociais, históricos e culturais. De acordo com a metodologia adotada, a pesquisa é de cunho bibliográfico, caracterizada como análise-crítica qualitativa. Dessa forma, tem-se como procedimento recorrer à leitura atenta e minuciosa da obra *Quarto de despejo* sob a perspectiva e diálogo com os autores: Candido (2006), Leeds e Leeds (2015), Meihy (1998), Meihy e Levine (2015), Carvalho (2016), Tavares (2010), Cardoso (1977), Bahia (2000), González (1984), Sousa e Dias (2013) e Evaristo (2014).

O presente artigo apresenta uma breve contextualização sobre a autora e a obra. Logo em seguida, discutirá os aspectos sócio-históricos presentes na obra, como o contexto histórico e as condições sociais e políticas que Carolina vivenciou durante a escrita de seu diário; as condições precárias de vida dos marginalizados na favela; as questões de raça e gênero abordadas por ela no fim da década de 50; bem como perceber a fala da autora, mulher negra e pobre, de forma hostilizada, mas também sensível e autêntica.

SOBRE A AUTORA E A OBRA

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914¹, em Sacramento, Minas Gerais, Brasil. Filha de mãe solo, cresceu em condições de extrema pobreza e teve uma educação formal de dois anos, tendo frequentado a escola até o segundo ano do ensino fundamental, sendo considerada uma autodidata. Carolina sempre teve uma infância difícil e

¹ A data de nascimento de Carolina Maria de Jesus é geralmente aceita como sendo 14 de março de 1914. No entanto, há uma controvérsia em torno dessa data. Até o momento, não há um consenso definitivo, sendo essa a mais comumente usada.

ainda menina trabalhava como empregada doméstica, tendo sido submetida a diversas situações humilhantes.

Em 1947, mudou-se para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Na capital, viveu na favela do Canindé, onde trabalhou como catadora de papel para sustentar seus três filhos. Com uma rotina difícil e atordoada, devido aos vários conflitos existentes na favela, Carolina passou a documentar através de um diário seus dias e sua dura realidade.

Em 1955 conheceu o jornalista Audálio Dantas que estava no local para fazer uma matéria sobre os problemas ali existentes. Nesta ocasião, Carolina não passou despercebida aos olhos do jornalista, após ameaçar alguns arruaceiros de denunciá-los, pondo-os no livro que estava escrevendo. Para ele foi uma grande surpresa: uma mulher negra e pobre, com trajés singelos e moradora da favela escrever um livro; para muitos uma grande ironia. Dantas, que tinha como objetivo falar sobre a realidade da favela, viu em Carolina a oportunidade de exibir mais fielmente o retrato dos povos marginalizados.

O grande reconhecimento de Carolina veio em 1960, com o auxílio de Audálio Dantas foi organizada a publicação de seu livro intitulado "*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*" na revista *O Cruzeiro*. Trata-se de uma narrativa autobiográfica que oferece uma visão íntima da vida de Carolina na favela no fim da década de 1950. É importante destacar que o livro é uma edição de 35 cadernos manuscritos por Carolina, com intervalos de tempo escritos entre os anos de 1955 e 1960. A obra ganhou destaque por revelar as condições de extrema pobreza, as lutas diárias e as dificuldades enfrentadas pela autora e pela comunidade ao seu redor.

Seu texto é apresentado em forma de gênero literário diário. Carolina utilizou uma linguagem fora dos padrões literários, mas poderosa, ao descrever sua realidade, abordando temas como a pobreza, a fome, tecendo críticas políticas, a discriminação racial, a falta de acesso à educação, as condições precárias de habitação e a dura rotina de trabalho como catadora de papel e mãe solo.

Além disso, a publicação do livro coincidiu com um aumento de maior conscientização social e movimentações políticas no Brasil, tendo impacto significativo ao dar voz a uma parcela da sociedade frequentemente marginalizada, contribuindo para a discussão sobre desigualdade social e injustiça no país. O livro é considerado uma obra importante da literatura brasileira, documentando a vida na favela em um período crucial da história do país.

Além de *Quarto de despejo*, outras obras de Carolina destacam-se: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços da Fome* (1963), *Diário de Bitita* (1982), *Provérbios* (1983) e *Meu Estranho Diário* (1996).

Após o êxito do livro, Carolina manteve-se escrevendo, porém suas obras posteriores receberam menos atenção. Ela faleceu em 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos. Sua contribuição para a literatura é recordada como um retrato autêntico da realidade social brasileira.

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: contexto histórico e político em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

O sócio-histórico é usado para descrever contextos em que eventos históricos e fatores sociais estão interligados, influenciando e moldando o desenvolvimento de uma sociedade ou comunidade ao longo do tempo. A partir da visão de Candido (2006), em seus estudos sobre a relação entre literatura e sociedade, deve-se avaliar melhor o vínculo entre obra e ambiente, a fim de fundir texto e contexto. Assim, compreende-se que é necessário esclarecer aspectos que influenciam a escrita de uma obra, as relações entre o artista e o meio, assim como investigar em que medida a arte é expressão da sociedade ou mesmo se ela se interessa pelos problemas sociais, ou seja, em que medida ela é social. Dessa forma, nos cabe perceber a relevância do contexto e dos aspectos sócio-históricos para a compreensão das questões que envolvem o indivíduo em sua interação com a sociedade.

Na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* podemos identificar aspectos fundamentais na composição da escrita de Carolina Maria de Jesus. Destacam-se os referentes ao contexto social, histórico e político da época, como o processo de urbanização pelo qual o país passava, a formação de favelas e a falta de infraestrutura adequada nas áreas urbanas; a desigualdade social e a descrição das condições precárias de vida na favela, com barracos improvisados, falta de saneamento básico e a luta diária pela sobrevivência. Isso evidencia a realidade enfrentada por muitas comunidades marginalizadas, assim como aborda a discriminação de gênero e raça, destacando as experiências específicas de Carolina como mulher negra.

Os chamados “anos dourados” – década de 50 e 60 – foi um período de grandes modificações no cenário brasileiro em termos sociais e políticos, marcados por acontecimentos

históricos e relevantes para a época. Foi um momento em que houve uma maior participação popular frente às questões sociais e políticas. Além disso, o momento indicava um tempo de esperanças e aspirações, haja vista que o início da década de 50 marcou o fim do Estado Novo, regime autoritário instaurado na era Vargas.

O contexto da obra inclui a urbanização acelerada de São Paulo, período em que o país experimentou um rápido desenvolvimento industrial e a migração de pessoas para a cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho, o que resultou na formação de favelas, áreas de habitação precárias e no aumento das desigualdades socioeconômicas. Dito isso, Carolina externou com maestria sua crítica à cidade de São Paulo no fim da década de 50 “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2014, p. 34).

No trecho datado de 1958, nota-se a repulsa que Carolina sentia ao descrever a favela, retrato este que por muitos anos depois continuaria representando muitas favelas do Brasil. Por meio de comparações ela simboliza a favela como o quintal, lugar em que os lixos são depositados. Nessa perspectiva, Leeds e Leeds (2015) ressaltam que a partir da década de 60 podemos encontrar uma vasta literatura de estudos sociológicos e declarações públicas em relação ao “problema da favela”. Com isso, algumas características como a migração, o crescimento urbano e a popularização das habitações decadentes são componentes desse contexto em que Carolina situava-se.

Nas décadas de 50 e 60 ela descrevia sua comunidade com tantos problemas, resultantes dos processos de urbanização e desenvolvimento já mencionados. Segundo Meihy (1998) Carolina representou um segmento social que começava a ser ameaça, na qual emblemava uma luta de classes em seus escritos, com base nas suas denúncias sociais. Conforme Meihy (1998), em seu artigo *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*, o autor resalta que “Os anos 60 se diferenciaram por ser uma época em que alternativas culturais se levantaram. A chamada cultura popular foi uma dessas manifestações. Carolina Maria de Jesus seria uma autora que teria tudo para se distinguir como personagem dessa expressão cultural (Meihy, 1998, p. 90).

Em consonância com esta ideia, Carvalho (2016) reitera que a partir destas décadas a chamada cultura popular assumiu uma perspectiva política que buscava reconhecer as imagens populares às identidades nacionais, refletindo numa resistência de classe ou numa necessidade dos oprimidos de incorporarem uma consciência mais crítica. Foi assim que

Carolina, em seus muitos escritos, abordou as questões de cunho político, como as afrontosas críticas diretas ao governo de Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil no período de 1956 e 1961. A escritora deixou claro em seu diário que não compartilhava de afeição ao então presidente. Em um trecho, Carolina chega, inclusive, a supor uma revolta popular em meio a denúncia de fome:

19 DE MAIO DE 1958

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer...O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome (Jesus, 2014, p. 377).

Na época, o então presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) implementou o chamado Plano de Metas, que visava promover o desenvolvimento em vários setores da sociedade. Isso contribuiu, por hora, para o crescimento econômico do país, no entanto, é importante perceber que os benefícios desse período não foram distribuídos de maneira equitativa, e as desigualdades sociais persistiram e para muitos até aumentaram.

Tavares (2010) ressalta que os desequilíbrios sociais parecem ter ganhado força nesse período do processo de desenvolvimento, julgando os casos que vão desde o de aumento das populações marginais nas cidades aos baixos níveis de renda da população desses setores. Foi o caso de Carolina, que vivendo subalterna à sua condição, decidiu externar, através de crítica política em seus manuscritos, a fome que passava com seus filhos. Em algumas passagens Carolina cita outros políticos da época, em tom sarcástico:

10 DE MAIO DE 1958

[...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora (Jesus, 2014, p. 32).

17 DE MAIO DE 1958

Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (Jesus, 2014, p. 35).

Nos trechos, Carolina cita Jânio Quadros, prefeito da cidade de São Paulo entre os anos de 1953 a 1955. Além dele, Ademar de Barros, prefeito de 1957 a 1961; e Juscelino Kubitschek, presidente na ocasião. Ela demonstra, através destas passagens, sua indignação com os governos mencionados. Vale lembrar que Carolina, assim como os milhares de insatisfeitos, esperava que os políticos tomassem ações que pudessem solucionar os problemas que especialmente a população negra sofria.

O fato de Carolina conhecer a fome e as dificuldades impostas por governos que, segundo ela mesma não se importavam com as minorias, dá-lhe o direito de escrever com propriedade sobre as agruras que vivenciou:

20 DE MAIO DE 1958

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo [...] Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

—Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:

—É que eu tinha fé no Kubstchek.

—A senhora tinha fé e agora não tem mais?

—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia (Jesus, 2014, p. 42).

Muitas vezes Carolina precisou retirar do lixo alimentos que, ainda que estragados, foram reaproveitados para seu consumo e de seus filhos, pois os preços dos gêneros alimentícios estavam exorbitantes para ela, assim como para muitos brasileiros. O trecho acima é um dos diversos exemplos de passagens em que a escritora detalha sua situação vulnerável quanto à alimentação de seus filhos.

Conforme Cardoso (1977) o discurso adotado por Juscelino Kubitschek prometia às camadas populares a construção de uma sociedade melhor e mais justa. Com seu discurso de otimismo, mobilizou a população para a esperança e a fé. Fé esta que Carolina estava perdendo, gradativamente, apesar das diversas críticas, ela tinha expectativas quanto às ações do governo na resolução dos problemas que torturavam a comunidade negra que ali vivia. No entanto, sua esperança numa sociedade melhor não alterava sua percepção dos discursos demagógicos

utilizados pelos políticos nas épocas eleitorais, explorando as emoções do povo e utilizando-se das mazelas populares para uma espécie de encenação, com o intuito de ganho de popularidade.

Ainda no trecho a autora fala da democracia. Na época muito se discutia sobre o assunto no Brasil e para Carolina a democracia estava aos poucos perdendo adeptos, pois era fraca. Tratando-se de uma organização social que deveria intermediar a relação entre os indivíduos e as instituições, a tal democracia não estaria cumprindo seu papel. Democracia para quem? “O custo de vida faz o operário perder a simpatia pela democracia” (JESUS, 2014, p. 35).

Além dos mais diversos problemas enfrentados pela sociedade, dá-se destaque também ao processo inflacionário no país, como no trecho a seguir:

24 DE OUTUBRO DE 1958

Eu fiz café e mandei o José Carlos comprar 7 cruzeiros de pão. Dei-lhe uma cédula de 5 e 2 de alumínio, o dinheiro que está circulando no país, Fiquei nervosa quando contemplei o dinheiro de alumínio. O dinheiro devia ter mais valor que os gêneros. E no entanto os gêneros tem mais valor que o dinheiro.

Tenho nojo, tenho pavor
Do dinheiro de alumínio
O dinheiro sem valor
Dinheiro do Juscelino (Jesus, 2014, p. 143).

Devido à elevação do preço dos metais na época, o governo passou a empregar apenas o alumínio na fabricação das moedas. No trecho acima, Carolina faz referência a essa moeda como o “dinheiro do Juscelino”. Ainda comenta sobre a elevação dos preços dos gêneros alimentícios que estavam acima de sua condição social, considerando dizer que eles possuem mais valor que o próprio dinheiro. Ao referir-se ao dinheiro de alumínio com menos valor que os gêneros, Carolina reflete o verdadeiro valor dos alimentos em sua vida. Para isso a autora traz em seus muitos escritos, recortes de situações em que a fome foi sua inspiração para escrever em tempos difíceis.

“Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. E o terrestre. E o atacadista.” (Jesus, 2014, p. 67). Essas expressões de Carolina registram não só a sua, mas a insatisfação geral da população. Em uma de suas memórias, datada de 23 de maio de 1958, Carolina diz que o arroz e o feijão passaram para os fidalgos e que até o feijão os esqueceu. Esqueceu os marginais, os favelados e os indigentes.

Em muitos casos Carolina cita grandes personalidades da história ao fazer comparações críticas, o que demonstra sua intelectualidade, como quando compara César, líder político romano, aos atacadistas de São Paulo e quando menciona uma fala bíblica ao satirizar o governo de Kubitschek:

25 DE DEZEMBRO DE 1958

Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome! Naquela época, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Mas nós não podemos deixar de comer. (Jesus, 2014, p. 165)

5 DE NOVEMBRO DE 1958

(...) Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: — “Não Chores por mim. Chora por vós” — suas palavras profetizava o inverno do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? E igual o governo do Juscelino! (Jesus, 2014, p. 150)

Escrever sobre a ambição e descaso dos políticos foi a arma que Carolina encontrou para provocar e incitar o pensamento crítico das minorias, apesar de este não ter sido o principal motivo de seus registros. Acima de tudo, ela desejava, através da escrita, sua ascensão social, porém, é inegável sua contribuição do que podemos considerar como um dos primeiros registros das precárias condições de vida dos povos marginalizados nas favelas pelos governos do contexto histórico em estudo.

A obra de Carolina não é apenas um testemunho pessoal, um documento social significativo que captura os dilemas de uma parte da população brasileira durante um período crucial de transformação social e econômica. Portanto, compreender um fenômeno como sócio-histórico implica reconhecer a complexa relação entre os aspectos sociais e históricos, reconhecendo que os eventos, as mudanças e os desenvolvimentos em uma sociedade, bem como tudo o que nos cerca são influenciados e influenciam as condições de produção de uma época, como influenciaram a de Carolina.

CONDIÇÕES DE VIDA NA FAVELA E AS QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO NO BRASIL

Quem diria que a escritora favelada faria uma grande revolução no pensamento social da época? Carolina abriu espaço para que os muitos problemas existentes na favela do Canindé – e de muitas outras – fossem pensados de forma séria. Ao mergulhar na vida cotidiana da favela, Carolina Maria de Jesus revela não só a dureza das condições de vida, mas também documenta lutas individuais, tornando-se um testemunho das dinâmicas sociais e históricas que moldaram a realidade de muitos brasileiros naquele contexto.

No fim da década de 50, as condições de vida nas favelas do Brasil eram extremamente precárias. Superlotadas, as favelas eram constituídas de habitações improvisadas, como o barraco de Carolina. Além disso, o acesso aos serviços básicos era pouco ou quase inexistente, o que contribui para um cenário insalubre.

19 DE MAIO DE 1958

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 40).

07 DE JULHO DE 1958

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (Jesus, 2014, p. 95).

Foi assim que Carolina denominou a favela: quarto de despejo. É importante perceber que Carolina se referia ao centro e demais redondezas como “cidade”, se recusando a integrar a favela como parte constituinte de São Paulo, apenas como quarto de despejo. Em outros trechos nota-se que Carolina nunca se refere à favela e ao barraco como sua casa. “Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão” (Jesus, 2014, p. 52)

Ao descrever como se sentia estando fora da favela, ela cita objetos de luxo que se comparados aos de seu barraco, enfatizam a desigualdade social. Com essas disparidades sociais foi possível denunciar o grave problema que São Paulo enfrentava com as favelas, o que refletia as desigualdades presentes na sociedade da época.

Certamente, o crescimento das favelas não era algo que Carolina desejava, pelo contrário, desejava sua extinção. Com base nos registros, percebemos que apesar de representar a favela em suas múltiplas faces, a escritora almejava fazer parte do paraíso ao qual chamava cidade, sonhava em deixar a favela e conquistar uma boa moradia para si e para seus filhos. Como se percebe no trecho a seguir, em que Carolina diz ter sonhado com uma casa digna:

21 DE MAIO DE 1958

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê (Jesus, 2014, p. 42-43).

O desejo de Carolina de desprender-se da favela era tanto que não cabia apenas na realidade. O que é inegável é a influência da favela como parte integral da escrita de seu diário, moldando não apenas o cenário físico da narrativa, mas também influenciando as experiências pessoais da autora e a mensagem social de sua obra.

Além das discussões sobre a desigualdade social e as difíceis condições de vida na favela, o diário de Carolina ao registrar suas experiências, contribui significativamente para o entendimento das complexidades sócio-históricas e para a ampliação do diálogo sobre as questões raciais e de gênero no Brasil.

A marginalização da mulher negra é um fenômeno complexo que envolve a intersecção de raça e gênero (e em boa parte, de classe social). No final das décadas de 1950 e 1960, no Brasil, as mulheres negras enfrentavam múltiplas formas de discriminação e opressão. Mulheres negras eram frequentemente excluídas, além de enfrentarem a discriminação racial, sexismo, também eram submetidas a trabalhos precários e mal remunerados. Essa história se assemelha em todos os pontos à história de Carolina Maria de Jesus. Assim, a obra não é apenas uma janela para a pobreza urbana, mas também um documento que destaca a voz da mulher negra, proporcionando uma perspectiva sobre a interseccionalidade de gênero e raça nas camadas mais marginalizadas da sociedade.

16 DE JUNHO DE 1958

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: — É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque

o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. Um dia um branco disse-me: — Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p. 72).

As palavras afiadas de Carolina demonstram um sentimento de orgulho pela negritude. Apesar de características que não lhe permitia circular pelos setores da sociedade ao qual almejava – ser uma mulher e negra – não a impedia de reconhecer-se como tal. Mesmo com as dificuldades encontradas em sua trajetória, Carolina nunca negou sua origem.

A escritora via a cor negra em tudo o que lhe rodeava: “Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (Jesus, 2014, p. 190). “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.” (Jesus, 2014, p. 21).

Seu diário abriu portas para um debate que estaria por vir, a igualdade de gênero e raça. Quanto ao seu reconhecimento como escritora, para as autoras Dignamara Sousa e Daise Dias (2013), quando se trata da posição social da mulher e sua participação na literatura, as teorias críticas feministas destacaram as condições sociais e históricas em que as mulheres estavam inseridas. Essas condições são consideradas influentes na criação das representações femininas no contexto literário.

Bahia (2000) argumenta que a escrita feminina aponta uma presença da mulher onde ela sempre foi ausente: o de narradora de sua própria história. Em consenso, Lélia Gonzalez (1984) ressalta que a negra da periferia foi quem mais sofreu os efeitos da sociedade branca. Em seu trabalho “*Racismo e sexismo na sociedade brasileira*”, Lélia nos diz como a intersecção entre gênero e raça na sociedade brasileira cria papéis pré-definidos para homens e mulheres. Nessa perspectiva, percebemos a literatura feminina negra como crucial. Através da literatura, a mulher negra aparece no campo crítico, adquirindo e produzindo conhecimento, mobilizando pessoas e promovendo reflexões de igualdade. “Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (Jesus, 2014).

A trajetória de Carolina implica uma visão de um lado pouco mostrado: a luta de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente, isto não remete a ela apenas enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao

anonimato. O que a distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus pormenores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade. (...) Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista, antiinteriorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo, uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política” (Levine, Meihy, 2015, p. 21).

“O sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com os outros. Temos um sujeito que, ao falar de si, também fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (Evaristo, 2014, p. 21). Carolina emergiu como um ícone de resistência e representatividade para mulheres negras que enfrentam desafios e são frequentemente marginalizadas por uma sociedade que perpetua o mito da democracia racial. O racismo isolou a mulher negra e a excluiu de boa parte da busca por direitos. Este racismo, chamado de racismo estrutural, está presente em nosso país desde a constituição de nossa sociedade.

A FALA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO

A fala de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* é marcada por sua honestidade e representação vívida da realidade na favela. Denunciou a pobreza, a falta de saneamento básico, a fome, o racismo, dentre tantos problemas que enfrentava, mas também compartilhou momentos de esperança e resiliência. Aqui, apontaremos trechos do diário em que a fala de Carolina mostrou-se sensível e autêntica, criativa e sonhadora, apesar das múltiplas dificuldades, como quando nos encanta quando diz:

02 DE SETEMBRO DE 1958

Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos (Jesus, 2014, p. 135).

Suas palavras capturam a essência da luta pela sobrevivência em meio à pobreza. Em um trecho, Carolina faz referência à fábula da rã e da vaca. “Ontem eu li aquela fábula da rã e a vaca. Tenho a impressão que sou rã. Queria crescer até ficar do tamanho da vaca” (Jesus, 2014, p. 146). Segundo a fábula, a rã avista um boi e inveja seu grande tamanho; começa a

inchar a pele enquanto pergunta a seus filhos se já está maior do que a vaca. De tanto se esforçar, a rã acaba morrendo. Ao fazer tal comparação, Carolina provavelmente nos faz entender que se sentia como a pequena rã (desnutrida ou pequena aos olhos da sociedade), mas sua vontade era de crescer tal qual a vaca. Essa afirmação nos leva a diferentes interpretações, a vontade de se alimentar e até mesmo seu desejo de ascensão social, no sentido de “crescer” na vida.

As noites de sono de Carolina nos proporcionaram algumas reflexões importantíssimas, como no trecho em que a autora faz o retrato do povo brasileiro:

12 DE NOVENBRO DE 1958

Quando eu fui pegar água contei para a D. Angelina que eu havia sonhado que tinha comprado um terreno muito bonito. Mas eu não queria ir residir lá porque era litoral e eu tinha medo dos filhos cair no mar. Ela disse-me que só mesmo no sonho é que podemos comprar terrenos. No sonho eu via as palmeiras inclinando-se para o mar. Que bonito! A coisa mais linda é o sonho. Achei graça nas palavras da D. Angelina, que disse-me a verdade. O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo (Jesus, 2014, p. 154).

30 DE JULHO DE 1959

Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João: —Agora podemos dar um ponta-pé na miséria. E gritei: —Vai embora, miséria! A Vera despertou-se e perguntou: Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (Jesus, 2014, p. 211).

“A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (Jesus, 2014, p. 34). A escritora favelada possuía um dom com as palavras, de forma tão singela, suas palavras nos tocam ao passo em que nos fazem refletir sobre a beleza em meio ao caos.

Em trecho datado de 13 de maio, dia da abolição da escravidão, Carolina nos presentearia em meio às suas palavras em uma reflexão sobre como os negros ainda se sentem escravizados:

13 DE MAIO DE 1958

Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim. E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: —Viva a mamãe!

[...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual — a fome!
(Jesus, 2014, p. 33)

Essa observação da autora é muito relevante, se pararmos para pensar que em 1958 Carolina ainda sentia as amarras da escravidão, hoje não seria diferente. A disparidade econômica entre brancos e negros também reflete as desigualdades enraizadas pela escravidão, perpetuando esta sensação que muitas pessoas ainda possuem. Sua reflexão é atemporal. Mesmo após séculos da abolição formal, os efeitos da escravidão continuam a moldar as realidades vividas pelos negros.

A fala de Carolina é uma importante contribuição para a literatura e para a sociedade brasileira, além de dar voz às experiências das mulheres negras e pobres, muitas vezes esquecidas e silenciadas pela sociedade. Sua linguagem simples e com erros gramaticais não a impediu de ser autêntica e poderosa. Sua fala direta e emocionante transmite uma urgência para que o mundo entendesse a realidade dos marginalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quarto de despejo: diário de uma favelada é uma obra que transcende o tempo, oferecendo um olhar poderoso e comovente sobre a vida na favela e os resquícios da escravidão na sociedade brasileira. Com uma narrativa autêntica e crua, retrata questões sociais e históricas profundas. Além disso, a obra de Carolina Maria de Jesus nos convida a pensarmos sobre o papel da literatura como ferramenta de denúncia, resistência e empoderamento, desafiando os preconceitos existentes.

A importância dos aspectos sócio-históricos na construção da obra é fundamental para compreendermos não somente a história da célebre escritora protagonista, mas também para contextualizar as experiências coletivas. Ao longo do livro, Carolina faz constantes referências aos eventos políticos, sociais e culturais de sua época, situando sua narrativa em um contexto mais amplo e complexo.

Além disso, Carolina também revela as contradições de uma sociedade que se diz civilizada, mas que permite que milhares de pessoas vivam em condições de extrema miséria e degradação. Em sua fala, denuncia a hipocrisia das elites e das autoridades, que ignoram o sofrimento dos mais pobres e perpetuam um sistema de opressão e exclusão. A fala inteligente

de Carolina Maria de Jesus é evidente em sua capacidade de observação aguçada e na forma como ela articula suas experiências e reflexões.

Assim, os aspectos sócio-históricos presentes em *Quarto de despejo* não apenas enriquecem a narrativa, mas também nos convidam a refletir sobre as desigualdades e injustiças que ainda persistem em nossa sociedade contemporânea. A obra de Carolina Maria de Jesus nos alerta para a urgência de enfrentarmos esses problemas de frente por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham a oportunidade de viver com dignidade e respeito.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Mariza Ferreira. **O legado de uma linhagem: A literatura memorialística feminina**. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Faculdade de Letras da UERJ. Rio de Janeiro. Junho de 2000.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARDOSO, Míriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento** – Brasil: JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARVALHO, Anna Karoline Santos de. **Carolina Maria de Jesus: cultura popular e prática educativa na educação de jovens e adultos** – Joao Pessoa: UFPB, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GONZÁLEZ, Lélia, “**Racismo e sexismo no Brasil**”, Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada** / Carolina Maria de Jesus; 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014. 200p.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. **Favelas e Comunidade Política: a continuidade da estrutura de controle social**. In: LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth; LIMA, Nísia Trindade (org.). A sociologia do Brasil urbano. 2ª edição – Editora Fiocruz. Rio de Janeiro, 2015.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento/MG: Editora Bertolucci, 2015. 2ª Edição.

MEIHY, J. C. S. B. **CAROLINA MARIA DE JESUS: EMBLEMA DO SILÊNCIO**. Revista USP, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SOUSA, Dignamara Pereira de Almeida; DIAS, Daise Lilian Fonseca. **Quando a mulher começou a falar: Literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil.** Gênero na Amazônia. Belém: n.3, janeiro/junho 2013.

TAVARES, Maria da Conceição. **Desenvolvimento e igualdade: homenagem aos 80 anos de Maria da Conceição Tavares.** Organizado por João Sicsú e Douglas Portari. Rio de Janeiro: IPEA, 2010.